

Sophia de Mello Breyner Andresen

GEOGRAFIA

prefácio de
Frederico Lourenço

ASSÍRIO & ALVIM



Sophia de Mello Breyner Andresen fotografada por João Cutileiro

INGRINA

O grito da cigarra ergue a tarde a seu cimo e o perfume do orégão invade a felicidade. Perdi a minha memória da morte da lacuna da perca do desastre. A onnipotência do sol rege a minha vida enquanto me recomeço em cada coisa. Por isso trouxe comigo o lírio da pequena praia. Ali se erguia intacta a coluna do primeiro dia — e vi o mar reflectido no seu primeiro espelho. Ingrina.

É esse o tempo a que regresso no perfume do orégão, no grito da cigarra, na onnipotência do sol. Os meus passos escutam o chão enquanto a alegria do encontro me desaltera e sacia. O meu reino é meu como um vestido que me serve. E sobre a areia sobre a cal e sobre a pedra escrevo: nesta manhã eu recomeço o mundo.

MANHÃ

Na manhã recta e branca do terraço
Em vão busquei meu pranto e minha sombra

*

O perfume do orégão habita rente ao muro
Conivente da seda e da serpente

*

No meio-dia da praia o sol dá-me
Pupilas de água mãos de areia pura

*

A luz me liga ao mar como a meu rosto
Nem a linha das águas me divide

*

Mergulho até meu coração de gruta
Rouco de silêncio e roxa treva

*

O promontório sagra a claridade
A luz deserta e limpa me reúne

DE PEDRA E CAL

De pedra e cal é a cidade
Com campanários brancos
De pedra e cal é a cidade
Com algumas figueiras

De pedra e cal são
Os labirintos brancos
E a brancura do sal
Sobe pelas escadas

De pedra e cal a cidade
Toda quadriculada
Como um xadrez jogado
Só com pedras brancas

Um xadrez só de torres
E cavalos-marinhos
Que sacodem as crinas
Sob os olhos das moiras

Caminha devagar
Porque o chão é caiado